

editorial

Renovar as universidades europeias



> António Fidalgo

Um artigo recente de *The Economist* traça um panorama desolador das universidades inglesas. Começa logo por dizer que é deprimente uma visita feita hoje a Oxford e a Cambridge. Os docentes ganham mal e os novos edifícios são feios, maus e com deficiente manutenção. E ainda assim, as duas velhas e prestigiadas universidades destacam-se claramente, pela positiva, no mundo académico britânico em que o sub-financiamento crónico, a admissão quase indiscriminada de alunos mal preparados, a inflação de graus, causam e expressam a miséria do Ensino Superior.

Mas na Europa continental, e ainda segundo a revista inglesa, a situação das universidades não é melhor. São referidos casos concretos na Alemanha, França, Itália e Espanha, que mostram ao quanto chegou a degradação das universidades. A massificação do ensino universitário nas últimas décadas fez-se à custa da qualidade.

O fraco desempenho das universidades europeias torna-se manifesto quando comparadas com as universidades americanas de topo. Os melhores professores e alunos atravessam o Atlântico para encontrarem nos Estados Unidos as condições com que aqui só podem sonhar. Basta dizer que a Universidade de Harvard tem disponível para investir o dobro do que têm todas as universidades inglesas em conjunto. Os prémios Nobel que os professores de universidades americanas arrebataam ano após ano, na física, na química, na medicina, na economia, são fruto de uma cultura de exigência e excelência na investigação científica muito acima da europeia.

O quadro negro traçado pelo *The Economist* é tão real que levou alguns governos europeus a reagir. Numa decisão parlamentar difícil a Inglaterra deliberou quase triplicar as propinas para cerca de 4.400 euros por ano. A Alemanha anunciou a semana passada que um júri internacional iria escolher 5 universidades para serem financiadas de modo a converterem-se em universidades de topo a nível mundial.

A burocracia, o subfinanciamento e o igualitarismo que prevalecem nas universidades europeias não combinam com a agilidade, a autonomia e a riqueza que hoje uma universidade tem necessariamente de ter para competir num mundo global. Uma universidade tem de atrair os melhores para ser a melhor. A isto não há volta a dar. E para o fazer tem de ter os meios indispensáveis, sejam financeiros e legais. A competição é, em tempos de Internet, à escala mundial.

As universidades portuguesas não são referidas no artigo do *The Economist*. É claro que a situação não é melhor que a das congéneres europeias. Mas as universidades portuguesas podem e devem entrar na liça, na batalha da excelência. Um passo importante foi dado com a Lei do Financiamento de Pedro Lynce. Mas não chega de modo algum. As universidades portuguesas têm também de se agilizarem juridicamente e verem a sua autonomia reforçada. Têm de competir entre si, primeiro, e, em segundo, têm obrigatoriamente que se internacionalizar. É bom que haja portugueses a doutorarem-se no estrangeiro, mas é igualmente importante que estudantes estrangeiros venham estudar para Portugal.

Não se compreende que tendo tanta capacidade desaproveitada, sobretudo nas áreas das ciências exactas e das engenharias, as universidades portuguesas não possam captar alunos brasileiros para estudarem em Portugal, pois que não lhes pode exigir propinas mais altas que aos nacionais - e essas, apesar do aumento, não cobrem de modo algum os custos reais dos estudos.

Quanto aos cursos de pós-graduação, de mestrado e de doutoramento, deve-se investir no mundo lusófono e ibérico. Há muitos estudantes em cursos de doutoramento em Espanha, mas devem-se contar pelos dedos das mãos os doutorandos espanhóis em universidades portuguesas. Porque ter uma estrada de um sentido só, e não investir seriamente na pós-graduação em Portugal e competir no espaço ibérico pelos melhores professores e alunos?

O ensino universitário é por natureza caro, porque exige investigação científica por parte dos docentes e uma relação próxima de professores e estudantes, que exclui o ensino massificado. O insucesso escolar em disciplinas críticas de matemática e de física seria resolvido com turmas verdadeiramente tutoriais, onde os docentes pudessem acompanhar pessoalmente cada aluno. Com turmas de centenas de alunos, em que os estudantes são anónimos e que por sua vez desconhecem o nome do professor, é impossível ter um ensino de qualidade. Poupa-se na contratação de professores, mas paga-se caro no insucesso escolar e na desistência de muitos estudantes a meio do curso.

Nenhum estudante deverá ficar de fora da universidade por razões económicas - e é isso que muito bem estipula o modelo social europeu -, mas isso não pode de algum modo significar que o estudo universitário é grátis. O que é bom paga-se, diz o povo, e com razão. Seja o pagador o Estado ou os estudantes ou então Estado e estudantes em conjunto.

Urbi@Orbi comemora quarto aniversário

Com o próximo número do Urbi@Orbi, no próximo dia 10 de Fevereiro, completam-se quatro anos de edições semanais ininterruptas, todas as terças feiras. Ao longo de quatro anos este tem sido o veículo dentro e fora da UBI para divulgar as notícias, principalmente da instituição, mas também da Covilhã e restante região da Beira Interior.

O jornal tem ainda um papel didáctico fundamental, na medida em que funciona como instrumento de trabalho prático principalmente para os alunos finalistas de Ciências da Comunicação, que assim se habituam a um ritmo semanal de produção de notícias publicadas num medium real, que já conta com 209 edições publicadas.

Ao ritmo das segundas feiras, dia de fecho do Urbi@Orbi, viveram os chefes de redacção que têm coordenado o jornal. Daniel Sousa e Silva é o actual, mas por lá já passaram Catarina Rodrigues, Ana Maria Fonseca, Raquel Fragata e Catarina Moura, incansáveis na produção da publicação que sai da UBI para o mundo todas as terças feiras. Indispensável tem sido também a direcção de António Fidalgo, "pai" do Urbi, e da "mãe", Anabela Gradim, sem os quais o Urbi seria ainda e apenas uma ideia. Na edição que comemora o quarto aniversário será possível ver um balanço do último ano e ler vários artigos de opinião sobre os quatro anos do jornal on-line da UBI, da Covilhã, da região e do resto, em www.urbi.ubi.pt.

Salgueiro acolhe curso de escrita de contos tradicionais

As 31 freguesias do concelho fundanense vão ter oportunidade de frequentar um curso que visa incentivar a escrita criativa de contos tradicionais. Este curso terá por base relatos históricos, lendas, factos e gentes.

Incentivar a escrita criativa de contos tradicionais é o objectivo do actor Nuno Miguel Henriques, ao promover o Curso Livre que pretende estimular a escrita de contos com base em relatos históricos, lendas, factos ou gentes das 31 freguesias do concelho do Fundão.

Este Curso Livre terá orientação em termos de técnicas, metodologia, criatividade artística e literária, além da estética, com

uma espinha dorsal comum. As aulas decorrem de Janeiro a Fevereiro em Lisboa, na Casa Museu/ Turismo Cultural, no Salgueiro, ou através da internet.

Escrever em língua portuguesa e ter mais de 13 anos são os requisitos para a inscrição no Curso Livre, em que podem participar pessoas de qualquer ponto do País e também os emigrantes portugueses espalhados pelo mundo.

Este projecto tem ainda programada a edição de um CD a produzir em Março deste ano, com os textos inéditos e tradicionais, interpretados por vários actores, como o próprio Nuno Miguel Henriques, e com efeitos sonoros complementares às palavras.

António "Marquês" apresenta sobrinho

Na sala de exposições do Teatro Cine, na Covilhã, esteve patente ao público uma exposição de pintura e arraiolos da autoria de António da Cruz, mais conhecido por "Marquês" e do seu sobrinho Carlos Cruz Gomes. O objectivo da exposição foi, "Apresentar e divulgar Carlos Gomes no mundo artístico" refere António "Marquês". Se para Carlos Gomes é a primeira exposição, António "Marquês" já conta com uma longa e diversificada carreira.

A Covilhã foi a cidade que o viu nascer há 73 anos. As suas obras são bem conhecidas na região. Arraiolos podem ser vistos no C.C.D. Leões da Floresta, C.C.D. Oriental de S. Martinho, Ginásio Clube da Covilhã, Associação Recreativa Musical Covilhanense e na Casa da Covilhã em Lisboa. De entre os inúmeros trabalhos que já realizou destacam-se o painel publi-

citário da "Covifeira" e dois murais pintados à mão alusivos à capela de S. Martinho e à capela de Santa Cruz.

Na sala de exposições do Teatro Cine encontram-se quadros pintados a óleo que retratam "locais da Covilhã pouco conhecidos, bem como figuras religiosas", elucida o artista.

Pouco conhecido no meio artístico, mas "com muito talento", Carlos Gomes expôs uma grande variedade de quadros, tapetes e almofadas em arraiolos. O seu tio explica todo o processo: "Através de uma fotografia ou postal, Carlos Gomes executa o esquema num papel, ponto por ponto, incluindo as cores, depois compra o tela e enche quadro com as lãs". Todos os quadros têm de passar por este processo, é o caso dos quadros referentes à Câmara Municipal, ao do Calvário e ao do Centro Cívico.

breves

Seminário debate resistência à mudança

Discutir a resistência à mudança e a cooperação empresarial nas pequenas e médias empresas é o objectivo do seminário que decorre no próximo dia 6, sexta-feira, no anfiteatro 7.21 do Pólo IV (Ernesto Cruz). O evento, que tem início marcado para as 15 horas, é organizado pela Unidade de Ciências Sociais e Humanas da UBI em parceria com a Associação Empresarial da Covilhã, Belmonte e Penamacor (AE-CBP).

São vários os oradores e temas de debate, com destaque para João Leite, consultor em comportamento e desenvolvimento, que vai abordar o tema da resistência à mudança nas organizações.

Participam ainda no seminário como oradores Zélia Serasqueiro, docente e presidente do Departamento de Gestão e Economia da UBI e Miguel Lopes Bernardo, presidente da Comissão Executiva da AECBP que falarão sobre as oportunidades e a integração no mercado de trabalho.

Luís Lourenço, docente e presidente da Unidade de Ciências Sociais e Humanas da UBI dissertará sobre a qualidade e o processo de melhoria contínua. O último orador é Pedro Guedes de Carvalho, docente de Economia também da UBI, que se pronunciará sobre redes, território e mudança organizacional.

O evento termina com um debate.

II FESTUBI em Março

A Desertuna, Tuna Académica da Universidade da Beira Interior vai realizar, no próximo dia 6 de Março, o II Festival de Tunas da Universidade da Beira Interior (FESTUBI). Em comunicado, a tuna masculina da UBI admite estar a "tentar fazer com que esta seja uma iniciativa única" e "se consiga proporcionar um grande espectáculo", de modo "a projectar não só a Desertuna e a UBI", mas "também construir uma actividade que dignifique a cidade e toda a Beira Interior".

Neste Festival, de acordo com o magister da Desertuna, Sérgio Domingos, "participarão algumas das melhores Tunas Masculinas do nosso País". O que, para o dirigente da tuna, faz "antever um bom espectáculo".